



## Tortura, Sujeição e Flagelo nos Relevos Assírios

Katia Maria Paim Pozzer<sup>1</sup>  
Leandro Barbosa dos Santos<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo tem como objetivo abordar algumas das práticas assírias de tortura, sujeição e flagelo, através da análise dos relevos e fontes textuais assírias datadas do I milênio a.C. Estas fontes nos fornecem informações sobre práticas de tortura, sujeição e flagelo, e concepções políticas que baseavam a constituição do império Assírio. No presente trabalho abordaremos o tratamento dado às nações dominadas, percebendo características que buscam a legitimação, e a normatização de poder e declaração de guerra e violência, acompanhada de concepções ideológicas implícitas na composição dos relevos que narram às batalhas que foram amplamente representadas e documentadas, em diferentes locais nos palácios assírios.

**Palavras-Chave:** Assíria – Poder – Violência – Iconografia – Mesopotâmia

### Torture, Subjugation and Scourge in Assyrian Reliefs

### Abstract

This article have to purpose to address some Assyrian practices of subjugation, torture and scourge, by the Assyrian reliefs and textual sources dating from the first millennium BC. These sources provide us with information about torture, subjugation and scourge, and policies concepts who based the constitution of the Assyrian empire. In this paper we discuss the treatment of dominated nations, realizing features that seek legitimacy, and the normalization of power and declaration of war and violence, followed by ideological concepts implicit in the composition of the reliefs that narrate the battles that were largely represented and documented at different locations in Assyrian palaces.

**Key Words:** Assyria – power – violence – iconography – Mesopotamia

---

<sup>1</sup> Orientadora, Professora do Curso de História – ULBRA. E-mail: [pozzer@terra.com.br](mailto:pozzer@terra.com.br). Coordenadora do Laboratório de Pesquisa do Mundo Antigo – LAPEMA.

<sup>2</sup> Teólogo e acadêmico do curso de História da Universidade Luterana do Brasil - ULBRA. E-mail: [leofilhodorei@hotmail.com](mailto:leofilhodorei@hotmail.com).



Os resultados apresentados neste artigo referem-se às conclusões preliminares do projeto de pesquisa em curso “Guerra e Religião: estudo de textos e imagens do mundo antigo oriental”, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq – Brasil), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

A metodologia utilizada para análise destas imagens está baseada nos estudos de Erwin Panofsky<sup>3</sup> que propõe o estudo iconológico dividido em três etapas. Na primeira etapa realizou-se a análise iconográfica, método que descreve e classifica as imagens, conforme o tema representado. Posteriormente, realizamos uma interpretação iconológica, identificando ícones e símbolos desta representação visual, onde consideramos estes relevos como obra produzida em um contexto histórico-cultural determinado por características tipológicas dos personagens e dos elementos.

A guerra tem sido ao longo dos tempos uma temática muito pertinente dentro da historiografia. Ela se caracteriza conforme a conjuntura ideológica e a herança cultural de cada sociedade em determinado tempo. O exército neoassírio ficou conhecido no I milênio a.C. como um referencial de poder e força militar. Batalhas, cercos e táticas de guerra, e o tratamento violento dado aos opositores do império se fazem presentes em vários documentos históricos deste império, fato que os destacou por constituir um exército de exímios guerreiros no Antigo Oriente Próximo.

A arte assíria de esculpir relevos parietais, que eram dispostos nas salas dos palácios, servia muito mais do que a mera atividade artística de decoração. Eles funcionavam como um instrumento propagandístico da ideologia assíria de terror. As cenas de guerra, de soldados empunhando armas, cercando uma cidade inimiga, mutilando, prendendo, deportando, empalando ou cortando as cabeças dos inimigos, serviam como uma recomendação àqueles que circulavam pelo palácio, fossem nativos ou estrangeiros, do poder de guerra e punição que poderia ocorrer a todo aquele que desafiasse a ordem estabelecida (BACHELOT, 1991, p. 109-128).

---

<sup>3</sup> Erwin Panofsky foi um crítico e historiador da arte alemão, um dos principais representantes do chamado método iconológico, relacionado a estudos acadêmicos em iconografia.



A história da Assíria se desenvolveu ao norte do atual Iraque, nos textos em cuneiforme identificamos a expressão *mât Aššur*, que significa “país do deus Aššur”<sup>4</sup>. Sua História emerge em um estado territorial no século XIV a.C. tendo seu território cobrindo aproximadamente todo o norte do Iraque moderno. A primeira capital da Assíria era Aššur<sup>3</sup>, localizada cerca de 150 quilômetros ao norte da capital do Iraque, Bagdá, próxima a na margem oeste do rio Tigre. A cidade foi nomeada como Aššur<sup>3</sup> por motivos de homenagem ao deus nacional, nome da qual a cognominação Assíria também é derivada.

Desde o princípio a Assíria projetou-se com uma tendência de forte poder militar na conquista. Países e povos que se opunham as regras assírias eram punidos com violência, tendo como consequência a destruição de suas cidades e a devastação de seus campos e pomares. Por volta do século IX a.C. a Assíria tinha consolidado a sua hegemonia sobre o norte da Mesopotâmia. Foi então que os exércitos assírios marchavam além de suas fronteiras com o propósito de expandir seu império, buscando através do butim o financiamento de seus planos de conquista e obtenção de mais e poder. Em meados do século IX a.C. a Assíria representava uma ameaça direta para os pequenos estados Sírio-Palestinos a oeste, incluindo também Israel e Judá. No mapa abaixo podemos ter uma percepção da expansão do império assírio (fig. 1).

---

<sup>4</sup> Aššur é o deus da nação assíria, uma divindade guerreira que é amplamente registrada nos relevos assírios quase sempre ligada à imagem do rei. Ver: (BLACK / GREEN, 2008, p. 37-39).

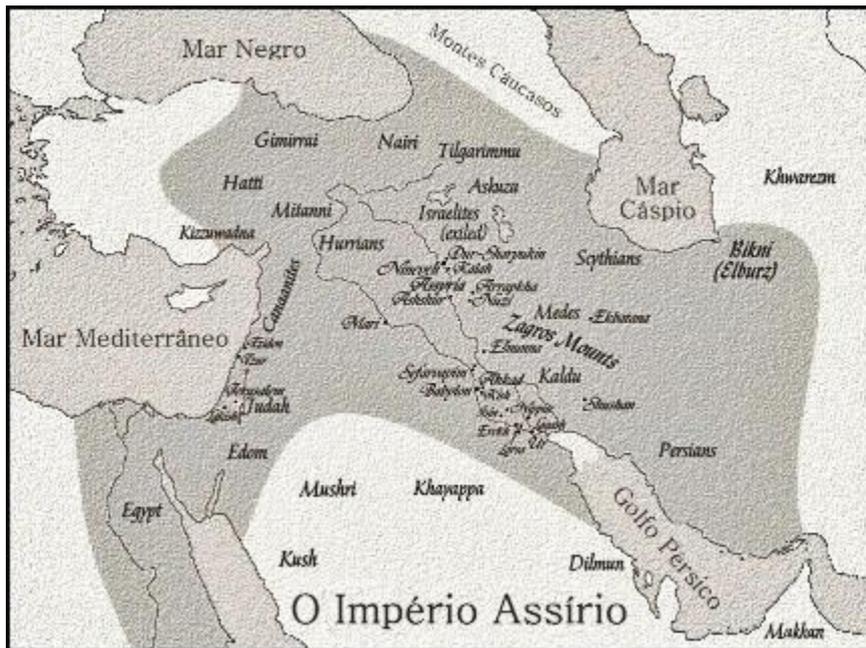


FIGURA 1 – Mapa da expansão do império Assírio. FONTE: do autor.

O período entre o século IX até o final do século VII a.C. é conhecido como período neoassírio, durante o qual o império atingiu o seu ápice. A destruição da Babilônia e a formação de sua capital em Nínive em 612 a.C. marcam o fim do império neoassírio. Embora o último rei assírio, Aššur-uballit, tenha realizado tentativas de reconstituição do império, ele ficou resumido a um pequeno território em torno de Haran. No entanto, o rei babilônico Nabû-apal-usur (658 - 605 a.C.) acabou por invadir Haran em 610 a.C. No ano seguinte houve uma última tentativa de recuperar Haran feita por Aššur-uballit, com a ajuda de tropas egípcias, mas não teve êxito. Posteriormente o império Assírio veio a desaparecer da história.



FIGURA 2 – RELEVO 1. FONTE: (LAYARD, 1853, p. 30.)

A figura acima é de Aššurnazirpal II (883 – 859 a.C.). Na laje três carros de guerra assírios, cada um puxado por três cavalos, avançam para a direita da cena. Os ocupantes dos carros portam arcos, flechas e sobre a cabeça carregam o estandarte da divindade Adad<sup>5</sup>. Cada carro de batalha é ocupado por dois guerreiros, um que conduz e outro que ataca os adversários com flechas.

O guerreiro do carro da frente está ferido por uma flecha, e tem o torso e a cabeça virada para trás na direção dos carros que o seguem, seu braço direito está estendido para cima e os cavalos de seu carro estão caindo. À frente, três arqueiros do exército assírio avançam. No plano superior, vê-se um abutre e três corpos dos guerreiros adversários estão decapitados e estendidos no chão. Vê-se também partes de árvores que foram cortadas.

Na Mesopotâmia a mutilação dos corpos dos inimigos é uma prática bem conhecida. Podemos perceber a preocupação dos escribas e artesãos em, incisivamente, registrar grande número de inimigos mortos e mutilados, como também suas identidades e grupos étnicos ao qual pertencem. Entre os diferentes tipos de mutilação praticados, a decapitação de cabeças é bastante comum, já que a cabeça é a expressão da personalidade única e individual e, uma vez exposta, não se teria dúvida da morte dos mutilados.

<sup>5</sup> Adad divindade mitológica sumério-babilônica assimilada pelos assírios. Uma divindade guerreira ícone de virilidade e fertilidade (JOANNÈS, 2001, p. 4-6).



FIGURA 3 – RELEVO 2. FONTE: (COLLINS, 2008, p. 136 - 137.)

O Relevo acima é de Aššurbanipal (668 – 631 a.C). O rei Aššurbanipal está sentado em uma esteira longa, ele veste uma túnica adornada de símbolos e está coberto por uma capa um pouco abaixo de sua cintura, na cabeça usa uma tiara com fitas e tem seu braço direito levantado e na mão segura um cálice que leva na altura da boca, seu outro braço está encostado sobre o móvel e em sua mão esquerda segura uma flor de lótus, descansando no jardim. Ele está acompanhado da rainha Aššuršarrati, sentada em seu trono, na cabeça ela usa uma coroa adornada e veste uma longa túnica adornada com rosetas, em uma das mãos tem um cálice. Ali bebem e escutam música. E a poucos passos do rei, que estava sentado embaixo de uma parreira, podia ser observada, na esquerda da cena, a cabeça de Teumman<sup>6</sup> rei do Elam<sup>7</sup> pendurada em uma árvore.

O destaque desta imagem é a cabeça de Teumman exposta no canto esquerdo superior, e a celebração de Aššurbanipal demonstrando escárnio e prazer sobre a representação da evidência de morte de seu inimigo. Segundo Bahrani (2008. p.23-55) a cabeça é a parte do corpo que funciona como símbolo da evidência da vitória em

<sup>6</sup> Khumma-Khaldash III o Último rei Elamita, foi capturado em 640 BC por Aššurbanipal.

<sup>7</sup> Elam ou *Elão* (em persa: *ایلام*) foi uma civilização da Antiguidade localizada no território que corresponde ao atual sudoeste do Irã.



todo tempo da narrativa, a guerra é um retrato real histórico, mas a cabeça é o ponto fixo na batalha expressa no relevo.



FIGURA 4 – RELEVO 3. FONTE: (COLLINS, 2008, p.47)

No relevo acima se vê soldados assírios celebrando a vitória com as cabeças decapitadas de seus inimigos, juntamente com músicos celebrando a vitória. Na primeira linha vemos dois soldados assírios vestidos com túnicas, os pés estão descalços, tendo sobre a cabeça esta um elmo cônico arredondado pontiagudo. Em cada uma das mãos esta cabeça de um inimigo decapitada. Adiante deles estão três músicos vestindo vestes compridas. Os dois primeiros possuem barba comprida, estão descalços e carregam sobre as mãos um instrumento musical. O terceiro a direita é imberbe, carrega um pandeiro e também esta descalço.

A mutilação de partes do corpo é um símbolo de força muito utilizado como instrumento de propaganda e terror político, demonstrando aos inimigos o que poderia suceder aos opositores do poder real. Além da decapitação encontramos a amputação de mãos e pés, empalamento<sup>8</sup> e esfolamento<sup>9</sup>, práticas conhecidas no Oriente Próximo, que também facilitavam questões administrativas, como a contagem de partes para contabilizar o numero de inimigos mortos (VILLARD, 1991, p.247-251).

<sup>8</sup> Empalação: Uma lança pontiaguda penetra pelo orifício anal do condenado, até a boca, peito ou costas.

<sup>9</sup> Esfolamento: Mata-se a vítima tirando-lhe a pele.



Junto com as representações iconográficas nos relevos, também encontramos inscrições, que nos fornecem informações detalhadas sobre o tratamento da Assíria aos povos conquistados, os seus exércitos e aos seus governantes.

Nos registros de Aššurnazirpal II encontramos relatos que nos trazem uma percepção do tratamento dos conflitos e rebeliões contra o império:

Eu esfolei muitos dos nobres que haviam se rebelado contra mim [e] dependurei suas peles, e fiz uma pilha [de corpos], e alguns corpos espalhados da pilha, eu ergui em estacas sobre a pilha ... Eu esfolei muitos da minha terra [e] dependurei suas peles sobre as paredes (GRAYSON, 2002, p. 199).

Neste relato percebemos a punição severa aos rebeldes com o esfolamento, acompanhado de uma propaganda do terror, expressa no ato de expor as peles dos esfolados nas paredes da cidade. Esta propaganda tinha o intuito de servir de exemplo para os possíveis rebeldes, uma demonstração da severidade da punição para com os rebelados contra o império.

Em outro relato de Aššurnazirpal II há outra descrição onde encontramos a amputação de mãos e pés dos soldados inimigos. Este tipo de flagelo demonstra uma punição severa que transcendia o simples assassinato, mas sim, uma ênfase no flagelo e humilhação do inimigo:

Em lutas e conflitos cerquei [e] conquistei a cidade. Eu abati 3.000 de seus homens a lutando com a espada... Eu capturei suas tropas ainda vivas: Destes eu cortei de alguns seus braços [e] as mãos, eu cortei de outros os seus narizes e orelhas, [e] nas extremidades. Eu arranquei os olhos de muitas tropas. Eu fiz uma pilha da vida [e] uma de cabeças. Eu pendurei as suas cabeças nas árvores ao redor da cidade (GRAYSON, 2002, p. 201).

No relato acima encontramos, também, a amputação de narizes e orelhas, um ato com intuito de deformar o inimigo na intenção de impossibilitar o retorno ao convívio social. Também a ideia de tornar incapacitado o oponente arrancando-lhe os olhos e partes do corpo (BOUZON, 2003, p.181).

A violência no tratamento dos inimigos é algo que, frequentemente, acompanhava alguns registros assírios. Em uma série de relevos de Senaqueribe (704-681 a.C) encontrados em Nínive, alguns registram as façanhas de sua invasão em Judá



em 701 a.C. Lakiš<sup>10</sup>, uma das quarenta e seis cidades que ele conquistou. No relevo abaixo podemos observar a representação de um esfolamento.

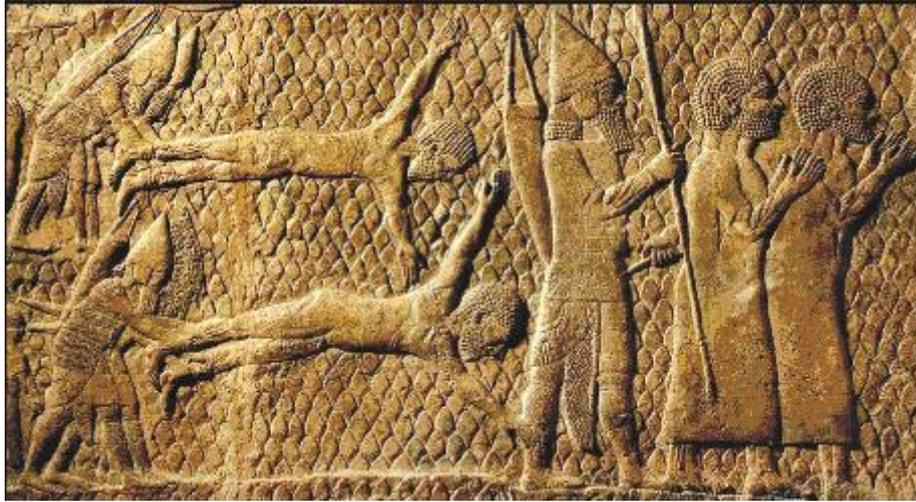


FIGURA 5 – RELEVO 4. FONTE: (COLLINS, 2008, p.94)

No relevo acima na parte superior esquerda se vê dois soldados assírios estendendo um soldado inimigo nu ao chão, pelas pernas. Os dois soldados assírios vestidos com túnicas, os pés estão descalços, tendo sobre a cabeça esta um elmo cônico arredondado pontiagudo, o da direita carrega uma aljava com um arco nas costas. Logo abaixo na parte inferior esquerda se vê também dois soldados assírios estendendo um soldado inimigo nu ao chão, pelas pernas. Os dois soldados assírios vestidos com túnicas, os pés estão descalços, um tem sobre a cabeça um elmo cônico arredondado pontiagudo, e carrega uma aljava com um arco nas costas. O da esquerda não se pode identificar os detalhes do rosto devido ao relevo estar danificado. Na parte direita do relevo encontramos um soldado assírio vestido com uma túnica, os pés estão descalços, tem sobre a cabeça um elmo cônico arredondado pontiagudo, nas costas uma aljava com um arco. Na mão direita carrega uma lança, e na esquerda uma maça. Adiante dele segue dois soldados inimigos vestidos com túnicas longas, ambos estão descalços.

---

<sup>10</sup> Lakiš é considerada como a segunda mais importante a cidade ao sul do antigo reino de Judá.



Na mesma série de relevos de Senaqueribe encontramos outra representação de empalamento, onde estão dois soldados assírios erguendo uma estaca com um homem empalado nu ao lado de outros dois.

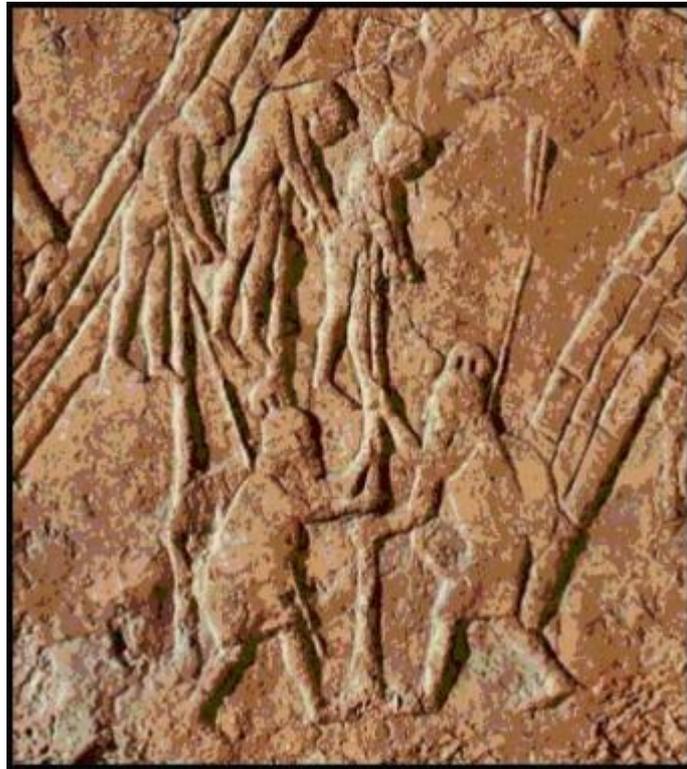


FIGURA 6 – RELEVO 5. FONTE: [www.britishmuseum.org](http://www.britishmuseum.org)

No relevo acima na parte superior esquerda se vê dois soldados assírios levantando um soldado inimigo nu, sobre uma lança. Os dois soldados assírios vestidos com túnicas, os pés estão descalços, tendo sobre a cabeça esta um elmo arredondado com penacho, ambos carregam sobre as costas um escudo e uma lança. Na esquerda se observa outros dois soldados inimigos, ambos estão nus e cada um está levantado sobre uma lança.

Nos relatos das campanhas militares de Senaqueribe encontramos descrições que dão detalhes mais precisos dos flagelos e torturas a que eram submetidos os inimigos do império.

Eu cortei as suas gargantas, como a de cordeiros. Cortei suas vidas preciosas como se corta uma corda. Assim como as muitas águas de



uma tempestade, eu fiz (o conteúdo) das suas gargantas e entranhas correrem por sobre toda a terra. Empinei meus corcéis aproveitando para atrelá-los, e mergulhá-los nas correntes de seu sangue como (em) um rio. As rodas do meu carro de guerra que derruba os perversos foram salpicadas de sangue e imundície. Com os corpos dos guerreiros Eu enchi a planície, como a erva. “Cortei seus falos, e espalhei as suas partes íntimas, como as sementes do pepino (LUCKENBILL, 1926, p. 117-123)

Outra questão importante de destacar era a prática da deportação dos inimigos. A deportação era de suma importância para o império devido à mão-de-obra especializada para as suas construções monumentais, e também para lidar com a agricultura e pecuária que eram exercidas nessa região. Na série de relevos que retratam a batalha de Lakiš encontramos um grande número de judeus sendo deportados, junto com mulheres e crianças.

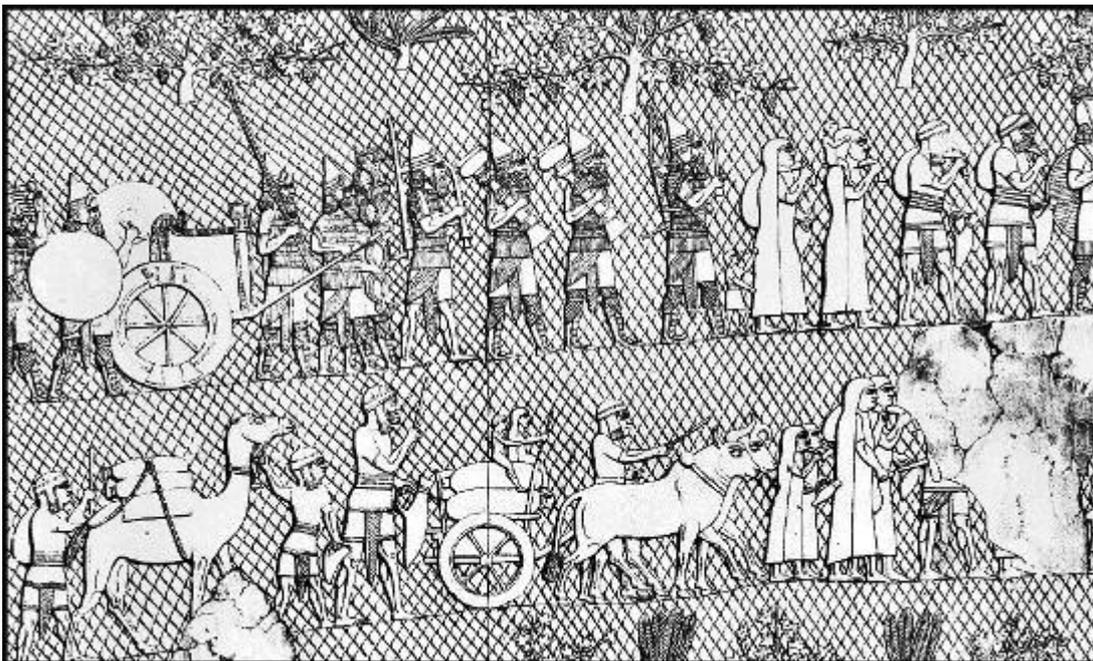


FIGURA 7 – RELEVO 6. FONTE: (LAYARD, 1853, p.50)

No relevo acima encontramos nove soldados, quatro portando saques, três soldados conduzindo três deportados dentre eles três homens, um deles carrega uma criança, os outros carregam seus pertences, uma mulher leva seus pertences, três estão conduzindo o carro de boi com butins de guerra, atrás da carroça conduzida por



dois bois ao lado uma mulher carregando seus bens. Na quinta linha, três homens possivelmente deportados, carregam seus pertences e conduzindo um camelo com seus pertences com tocas e saiotas, após, uma carroça. Acima provavelmente duas crianças sendo conduzidas por dois bois, ao lado um deportado, seguido de duas crianças, e duas mulheres uma ao lado da outra, a sua frente encontra-se um soldado visto apenas da cintura para baixo.

A deportação servia como forma de dissolver a identidade das nações conquistadas, também como forma de prevenir futuras possíveis revoltas. Os deportados passavam a pertencer de corpo e alma a nação vencedora. A vontade do rei é decisiva quanto ao destino dos deportados, eles podem ser mortos, oferecidos no templo, vendidos, atribuídos em trabalhos agrícolas ou de construção, utilizados como artesões, e até integrados no exército (BACHELOT, 1991, p.109-128).

## **Conclusões preliminares**

Assim sendo, a mutilação dos corpos inimigos constitui-se em uma prática comum no I milênio a.C. Em particular no Antigo Oriente Próximo, encontramos evidências de valor ideológico que unem recursos de propaganda à destruição do corpo do inimigo. A questão do flagelo e tortura não foi, portanto, um fenômeno acidental e nem uma prática exclusiva dos assírios, mas um aspecto da integração dos sistemas culturais. Quanto à questão dos registros assírios de tortura e flagelo, é legítimo considerar que os termos da produção que representam o conjunto de relevos Assírios possuem determinados fatores que lhes classificam como instrumentos de propaganda.

Ao utilizarmos o termo propaganda em sua concepção geral, percebe-se a tentativa de exercer influência e opinião nos indivíduos para fazer-se aderir à política de um dirigente ou de um regime, neste caso os relevos assírios exprimem uma relevante propaganda. Nos relevos o poder se constitui na atividade simbólica como



fonte de outros tipos de relação inter individuais que definem a estruturação do espaço social, sobre a mediação do simbólico nas organizações da sociedade.

Nesta análise encontramos evidências que superam questões hegemônicas, percebendo uma forte tendência da utilização destas práticas como forma de propaganda do terror com finalidade política. O poder absoluto, a violência e a produção simbólica aparecem como produto nos relevos assírios e como consequência da ordem política, bem como reflexo das violências geradas pelo exercício do poder.

## Referências Bibliográficas

BACHELOT, L. Fonction politique des reliefs néo-assyriens. In: CHARPIN, D.; JOANNES, F. *Marchands, Diplomates et Empereurs*. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, 1991. p.109-128.

BAHRANI, Zainab . *Rituals of War*. New York: Zone Books, 2007.

\_\_\_\_\_. *The Graven Image*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2003.

BELIBTREU, Erika. Grisly Assyrian Record of Torture and Death. Disponível em: <[http://www.jewishhistory.com/pdf/grisly\\_assyrian.pdf](http://www.jewishhistory.com/pdf/grisly_assyrian.pdf)> Acesso em: 16/03/10, às 14:00.

BOUZON, Emanuel. *O Código de Hammurabi*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 181

British Museum - Palace of Sennacherib. Disponível em: <http://www.britishmuseum.org/explore/galleries.aspx> > Acesso em: 02 jul 2010 13:45.

COLLINS, Paul. *Assyrian Palace Sculptures*. London: British Museum Press, 2008.

CURTIS, J. E.; READE, J.E. *Art and Empire: Treasures from Assyria in the British Museum*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1995.

FAIVRE X. La Guerre au Proche-Orient dans l'Antiquité, *Les Dossiers d'Archéologie*. Paris: n. 160, p.70-83, mai. 1991.

GRAYSON, Albert Kirk. *Assyrian Royal Inscriptions, Part 2: From Tiglath-pileser I to Ashur-nasir-apli II*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1976.



LAYARD, H. A. *A Second Series of the Monuments of Nineveh*. London: John Murray, 1853.

LUCKENBILL, Daniel David. *Ancient Records of Assyria and Babylonia*, 2 vols. (Chicago Univ. of Chicago Press, 1926–1927), vol. 1

MARCUS, M. Art and Ideology in Ancient Western Asia. In: SASSON, J. M. (editor). *Civilizations of the Ancient Near East*. Peabody: Hendrickson Publishers, 2000. p.2487-2505.

\_\_\_\_\_. Palaces and Temples in Ancient Mesopotamia. In: SASSON, J. M. (editor). *Civilizations of the Ancient Near East*. Peabody: Hendrickson Publishers, 2000, p. 423-441.

PANOFSKY, E. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

PARROT, A. *Assur*. Paris: Éditions Gallimard, 2007.

READE, J. *Assyrian Sculpture*. London: The British Museum Press, 2006.

ROAF, M. *Atlas de la Mésopotamie*. Paris: Brepols, 1991.

\_\_\_\_\_. Palaces and Temples in Ancient Mesopotamia. In: SASSON, J. M. (editor). *Civilizations of the Ancient Near East*. Peabody: Hendrickson Publishers, 2000, p. 423-441.

ROUX, G. Mesopotamia. Historia Política, Económica y Cultura. Madrid: Ediciones Akal, 1987.

SERRES, R. S.; POZZER, K. M. P.; OLIVEIRA; SILVA, S. S.; LIMA, J. A Tecnologia da Guerra nos Relevos Neo-assírios. *Revista de Iniciação Científica da ULBRA*, v. 7, 2008, p. 169-179.

VILLARD, P. L'armée Néo-Assyrienne. *Les Dossiers D'Archéologie*. Paris: n.160, p.42-47, mai. 1991.